

12 AGO / 12 SET
LISBOA NA RUA
COM'OUT LISBON
12 AUG / 12 SEP

CINEMA
DANÇA
TEATRO
PERFORMANCE
MÚSICA
CINEMA
DANCE
THEATRE
PERFORMANCE
MUSIC



Pelo segundo ano consecutivo, LISBOA NA RUA traz a cultura para fora de portas. Praças que servem de palco à música, DJ's que levam os pratos para o jardim, espaços e recantos da cidade transformados em salas de cinema e dança em locais inesperados.

LISBOA NA RUA um projecto onde a cultura interage com a cidade e com as pessoas: a comunidade local, o público nacional e particularmente os turistas que visitam a capital por esta altura.

LISBOA NA RUA é um dos momentos de afirmação de Lisboa, da sua cultura e da sua geografia tão particular.

Neste edição, o LISBOA NA RUA percorre uma multiplicidade de géneros artísticos: cinema, teatro, dança e música; que ocupam ruas, miradouros, coretos e praças; convertendo a cidade numa simbiose lapidar entre arte e público e convidando à fruição da cultura ao ar livre.

LISBOA NA RUA, de 12 de Agosto a 12 de Setembro, de quinta a domingo, à tarde e à noite.

Uma iniciativa promovida pela EGEAC, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural

A ARTE DA BIG BAND: 5 ORQUESTRAS DE JAZZ EM PORTUGAL

12 de Agosto – 19H00 | Jardim do Parque das Conchas

REUNION BIG JAZZ BAND

Direcção: Claus Nymark

Com 7 anos de existência a Reunion Big Jazz Band ocupa um lugar de destaque na divulgação nacional, do jazz para Orquestra. Ao longo destes anos a RBJB transformou-se numa rampa de lançamento para dezenas de jovens músicos que entretanto se afirmaram como nomes importantes do panorama jazzístico nacional. Foram mais de 70 músicos que desde 2003 passaram pelas estantes desta Big Band. O ecletismo dos gostos e das experiências musicais dos seus responsáveis e músicos integrantes, constitui um dos seus maiores patrimónios. Desta particularidade resulta a selecção de temas que inclui no seu repertório, que vão dos clássicos de Count Basie e Oliver Nelson ao contemporâneo Pat Metheny, passando por Mingus e Miles Davis.

Reunion Big Jazz Band

Direcção - Claus Nymark

Alexandre Andrade, Tomás Pimentel, Gonçalo Marques, Ricardo Pinto, Emilia Santos - *trompetes*

Narciso Cardoso, Luís Cunha, Nuno Carreira, Diogo Costa - *trombones*

João Capinha, Rita Nunes, Manuel Lourenço, Fernando Soares, Raimundo Semedo - *saxofones*

Daniel Hewson - *piano*

Francisco Costa Reis - *guitarra*

Gonçalo Leonardo - *contrabaixo*

Alexandre Alves - *bateria*

19 de Agosto – 19H00 | Largo da Estação do Rossio

ORQUESTRA DE JAZZ DE LAGOS

Direcção: Hugo Alves

A Orquestra de Jazz de Lagos / Associação Músicas No Sul, nasceu em 2004 de uma ideia do trompetista Hugo Alves, contando desde o início com o Alto Patrocínio da Câmara Municipal de Lagos. Hoje, a OJL executa mais de 150 temas em permanência, organizados em cinco repertórios que visam a maior parte dos clássicos de Big Band (Ellington, Basie, Miller, Nestico...).

Com uma média de 50 concertos por ano a OJL, já actuou em diversos contextos tendo contado com inúmeros solistas convidados, como Bobby Medina, Ricky Taylor, José Menezes, Luís Cunha, Lars Arens, entre outros. A OJL detém Declaração de Elevado Interesse Público, atribuída pelo Ministério da Cultura.

Orquestra de Jazz de Lagos

Direcção - Hugo Alves

Hugo Alves, Cláudio Gomes, Gustavo Reis - *trompetes*

Roger Clarke, Helder Vicente, Luciano Santos, Ray Charsley - *trombones*

António Flosa, Paulo Rodrigues, Pedro Rijo, José Santos, Luís Miguel - *saxofones*

Lucia Capobianco - *piano*

Hugo Santos - *contrabaixo*

Filipe Sequeira - *bateria*

José Ribeiro - *voz*

26 de Agosto – 19H00 | Jardim de São Pedro de Alcântara

ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS

Direcção: Pedro Guedes

“Big Bands: Do Ballroom à Sala de Concerto”

Apresentação de Manuel Jorge Veloso

Com vários discos gravados com convidados de renome, a OJM é a mais “internacional” das orquestras de jazz portuguesas.

Este concerto constitui uma viagem pelos “tempos do jazz”. Aqui se faz uma panorâmica da história das “big bands”, sobretudo num período que agitou a história desta musica nos EUA (1930 a 1950). No entanto, este concerto ultrapassa em muito esse limite temporal e acompanha a

evolução da grande Orquestra de Jazz até aos nossos dias. Comentado por Manuel Jorge Veloso, compreende obras de compositores e arranjadores como Duke Ellington, Count Basie, Benny Goodman, Gil Evans,...

Orquestra Jazz de Matosinhos

Direcção: Pedro Guedes

Rogério Ribeiro, Susana Silva, Gileno Santana, José Silva – *trompetes*

Paulo Perfeito, Daniel Dias, Álvaro Pinto, Gonçalo Dias - *trombones*

Mário Santos, João Pedro Brandão, José Luís Rego, José Pedro Coelho, Rui Teixeira - *saxofones*

Eurico Costa - *guitarra*

Telmo Marques - *piano*

Demian Cabaud - *contrabaixo*

Michael Laurent – *bateria*

2 de Setembro – 19H00 | Largo São Carlos

BIG BAND DO HOT CLUBE DE PORTUGAL

Direcção: Pedro Moreira

A Big Band do Hot Clube de Portugal é a mais antiga Big band de Portugal, reunindo alguns dos melhores músicos de jazz nacionais. No seu concerto de estreia no Teatro São Luiz, em Lisboa, foi dirigida por Zé Eduardo, tendo vindo a ser dirigida desde então por Pedro Moreira.

Inaugurou a programação de Jazz da Culturgest, tendo como solista convidado o trompetista Freddie Hubbard. Tocou também com Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson e Chris Cheek. Recriou as obras de Miles Davis/Gil Evans *Porgy and Bess* e *Sketches of Spain*, sob a direcção do maestro Bob Sadin, tendo como solistas Tim Hagans e Tom Harrell.

Participou em vários festivais de jazz e apresentou-se em 2007 na Assembleia da República. Em 2008, ano em que o Hot Clube de Portugal comemorou 60 anos de existência, desenvolveu um projecto com Maria João e Mário Laginha. Neste concerto o repertório centra-se em duas vertentes: a clássica com temas de Duke Ellington, Billy Strayhorn e Count Basie e a contemporânea com temas nomeadamente de Nils Wogram e Florian Ross.

Big Band do Hot Club de Portugal

Direcção - *Pedro Moreira*

Jorge Reis, Daniel Vieira, César Cardoso, Desidério Lázaro e Guto Lucena - *saxofones*

Miguel Gonçalves, Tomás Pimentel, João Moreira, Gonçalo Marques - *trompetes*

Lars Arens, Claus Nymark, Luís Cunha e Rui Bandeira - *trombones*

Bruno Santos – *guitarra*

Rodrigo Gonçalves - *piano*

Bernardo Moreira - *contrabaixo*

André Sousa Machado - *bateria*

9 de Setembro – 19H00 | Jardim do Torel

BIG BAND DA NAZARÉ

Direcção: Adelino Mota

A Big Band do Município da Nazaré formou-se em 1999 por proposta do seu Director à Câmara Municipal e teve como objectivo principal dar oportunidade aos jovens talentos da região, de continuarem com a sua formação musical na área da musica jazz.

Na sua já duradoura existência a Big Band apresentou-se em diversos festivais nacionais e estrangeiros, assim como nos mais importantes Clubes de Jazz do nosso País.

O lançamento do primeiro CD decorreu no 2º Festival Internacional de Big Band's, em 2003, na Nazaré. O segundo CD, "Filme", (2006), e o terceiro, "10 Anos", são a mostra da evolução musical desta formação. Este concerto apresentará repertório do último disco, com temas de Wayne Shorter, Charles Mingus, entre outros, para além de algumas das mais conhecidas "canções do jazz".

Big Band da Nazaré

Direcção - Adelino Mota

Vítor Guerreiro, Margarida Louro, Luís Guerreiro, André Venâncio - *trompetes*

Reinold Vrielink, Élio Fróis, Luís Pires, Fábio Matias - *trombones*

Joaquim Pequicho, João Capinha, André Murraças, Wilson Ferreira, Pedro Morais - *saxofones*

Gonçalo Justino - *guitarra*

Ricardo Caldeira - *piano*

Gonçalo Leonardo - *contrabaixo*

Bruno Monteiro - *bateria*

Júlia Valentim – *voz*

OUT JAZZ

O **OUT JAZZ** nasceu em 2007 para chamar a música aos Jardins da Cidade de Lisboa. Em parceria com a Câmara Municipal e a Egeac, de Maio a Setembro, a **NCS** dinamiza os espaços verdes mais emblemáticos da capital com um ciclo de concertos de Jazz. Com entrada livre para todos e uma oferta musical muito eclética, o OUT JAZZ reúne natureza e cultura urbana, à volta da música contemporânea. Uma forma única de convocar a cidade aos seus jardins e promover cultura, ambiente e bem-estar. Cinco meses, vinte e dois Domingos, mais de cento e cinquenta artistas, em cinco jardins de Lisboa. Todos os Domingos de Maio a Setembro, das 17h até ao cair do sol, grupos de jazz e um dj vão difundir as notas da sofisticação e da liberdade entre as folhas, os *puffs* e o sol dos mais especiais jardins de Lisboa. Este ano e com uma forte aposta da CML e EGEAC o OUT JAZZ estende o evento a mais 15 espaços da cidade de Lisboa em DJ *Sets* realizados às Sextas-Feiras das 17h ao pôr do sol.

13 de Agosto - 19h00 | DJ Miguel Sequela | Miradouro das Portas do Sol / Santa Luzia

20 de Agosto - 19h00 | DJ Black Orpheus | Jardim do Adamastor

27 de Agosto - 19h00 | DJ X ACTO | Esplanada Parque Eduardo VII

3 de Setembro - 19h00 | DJ Sarg | Jardim do Príncipe Real

10 de Setembro - 19h00 | DJ Vítor Silveira | Arco da Rua Augusta

SOLOS COM CONVICÇÃO

DANÇAS PARA CORETOS, JARDINS E ESPAÇOS PÚBLICOS

Projecto inserido na programação das Comemorações do Centenário da República 2010

Seis mulheres da República. Adelaide Cabete, Maria Veleda, Angelina Vidal, Ana Osório de Castro, Carolina Beatriz Ângelo, Maria Lamas. Cinco bailarinas/criadoras cruzam as suas vidas com as vidas destas mulheres que se destacaram pelas suas convicções e empenho na concretização da revolução republicana.

Criação e Interpretação: Cláudia Dias, Filipa Francisco, Joana von Mayer Trindade, Sofia Fitas, Susana Gaspar

Coordenação e assistência coreográfica: Miguel Pereira

Apoio histórico: João Esteves

Duração: c. 30min cada solo
Para todo o público

A PROPÓSITO DE SOLOS COM CONVICÇÃO

SOLOS COM CONVICÇÃO são um conjunto de trabalhos performáticos criados por cinco bailarinas/criadoras pertencentes a uma jovem geração de artistas portuguesas. Tomam a História de algumas mulheres singulares e de forte personalidade do tempo da I República, para a partir desta criarem pontos de vista próprios, coreográficos e dramatúrgicos.

São peças curtas de cariz contemporâneo prontas a habitar jardins, coretos, espaços de lazer e de ar livre.

A razão deste programa de solos femininos está na vontade de celebrar este grupo de mulheres carismáticas e corajosas, possuídas por uma energia por ventura semelhante à energia da dança. Souberam avançar no arranque do século, por um território, onde a voz masculina predominava e conquistaram com cautela e firmeza um lugar e uma presença. Esse lugar não se perdeu. Hoje muitas vezes sem darmos por isso, usufruímos dessas conquistas que valorizam de forma séria, o contributo feminino para a sociedade. Curiosamente, na História da Dança Ocidental, também foi e continua ainda a ser importante levantar esse género de voz. O discurso coreográfico está ainda arredado da atenção de muitos. Tomámos também por isso, o facto de os jardins terem ganho evidência durante a I República, como lugares de encontro e debate público, de lazer colectivo e de descanso. Decidimos apresentar estes trabalhos nos relvados ou dentro de coretos, lugares por excelência de

convergência artística, onde através dos tempos, as bandas filarmónicas tomaram o seu lugar, outra conquista de prática musical e comunitária deste tempo que se comemora.

Cada intérprete/criadora seguiu um rumo. Um rumo seu, ora mais evidente na utilização de aspectos relativos à obra e personalidade de uma ou mais destas mulheres, ora optando por agarrar simplesmente aspectos, elementos marcantes e presentes nos seus percursos de vida e tratá-los de maneira evocatória e mais abstracta. Atmosferas, incidentes, sentimentos, caminhos, fatalidades e conquistas são algumas das pedras de toque destas peças novas também elas de alguma forma republicanas.

Madalena Victorino
Programadora

MULHERES NA REVOLUÇÃO

A República também foi uma construção no feminino e contou com mulheres que, individual e colectivamente, ousaram bater-se pelos seus ideais antes, durante e depois da Revolução de Outubro de 1910, associando o combate político às suas próprias reivindicações. Ao longo de 20 anos, mediados entre a fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908) e o Segundo Congresso Feminista e de Educação (1928), em momentos únicos ou banais, de forma recatada ou expondo-se, quiseram marcar presença e fazer a diferença, construindo o futuro possível de outras mulheres. Estiveram na rua em nome da República, pela República e para celebrar a República, sem abdicarem da obtenção de direitos para as mulheres. Acreditaram que tal só era possível com a mudança de regime, saudaram as medidas do Governo Provisório, rejubilaram com o simbolismo do voto solitário de Carolina Beatriz Ângelo, emocionaram-se na abertura da Assembleia Nacional Constituinte, censuraram o oportunismo dos “adesivos”, refutaram as incursões monárquicas, denunciaram a Ditadura de Pimenta de Castro (1915) e o Sidonismo (1918), recusaram a neutralidade, ampararam os soldados mobilizados, organizaram Congressos e foram solidárias, já sob a Ditadura Militar, com os presos e deportados políticos. Reivindicaram-se como cidadãs entre cidadãos, reclamaram o voto, a instrução, salário igual para trabalho igual e alteração do Código Civil. Preocuparam-se com a prostituição e a mendicidade infantil. Esquecidas, apagadas da memória colectiva, trituradas pelo anonimato e silenciadas pelos vindouros, o seu pioneirismo e legado encontram-se congregados nestes seis nomes: Angelina Vidal (1853-1917), a propagandista social ligada aos meios socialistas e operários que aspirou a uma sociedade mais humana, fraterna e justa; Adelaide Cabete (1867-1935), a médica que conspirou com Carolina Beatriz Ângelo na confecção das bandeiras “verde-rubras” associadas à revolução e edificou o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947); Maria Veleda (1871-1955), a professora desprotegida e corajosa que encarnou as causas republicana e feminina até aos trágicos acontecimentos da “noite sangrenta” (1921); Ana de Castro Osório (1872-1935), a publicista feminista que marcou a primeira quinzena do século XX, sendo a única mulher a figurar entre os 161 republicanos retratados na aquarela de Alfredo Roque Gameiro; Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911), fundadora da Associação de Propaganda Feminista (1911-1918) e cujo voto vanguardista em 28 de Maio de 1911 raiou de esperança a luta sufragista; e, por fim, Maria Lamas (1893-

1983), a cidadã empenhada nos embates pela cidadania, autora da obra *As Mulheres do Meu País*. Evocá-las nestes Cem Anos de República é prestar-lhes um merecido tributo e pressentir o quotidiano, percurso, aspirações, vitórias e reveses de cada uma e de todas em tempos adversos à afirmação feminina, numa caminhada sempre actual e inacabada.

João Esteves
Professor/Investigador

CONVICÇÕES QUE DERRUBAM CONVICÇÕES E QUE CRIAM NOVAS CONVICÇÕES

Durante o início do séc. XX, na viragem de regime que culminou na implantação da República Portuguesa, várias mulheres destacaram-se pela sua intervenção no desenrolar dos acontecimentos que se operavam nesse período tão electrizante da vida portuguesa. Chamavam-se, entre outras, Maria, Ana, Adelaide, Angelina, Emília e Carolina. Vinham de todos os quadrantes sociais e políticos, exerciam actividades várias e, descontentes com o estatuto e o papel secundário a que a sociedade de então lhes reservava, resolveram agir e manifestar-se, lutando pelas seus direitos e liberdades. De diferentes modos e com diferentes meios e estratégias, discreta ou afirmadamente, foram as impulsionadoras de um movimento de ruptura que transformou, com o tempo, a estrutura social, cultural e política da nação.

Nem sempre à sua acção e ao seu legado foi dado o devido destaque, votadas como foram ao esquecimento por aqueles que têm tido o poder de fazer e escrever a História. Injustamente.

Agora, cem anos passados, num contexto social e político diversos, com novos desafios pela frente, continuando a haver, sem dúvida, muitas mais razões para o combate, contra as injustiças, o inconformismo e tudo aquilo que cria entraves a uma sociedade mais plural, mais justa e desenvolvida, num mundo ainda maioritariamente dominado pelos homens, o exemplo destas mulheres ecoa-nos como um incentivo para acreditar na força das nossas convicções e na luta pelas nossas causas e pelos nossos ideais num confronto com o mundo convencional em que se vive.

Faz parte da nossa natureza o ímpeto de duvidar, questionar, pôr em causa ou mesmo ultrapassar limites. É nessa constante busca, nessa tensão entre o desejo e a sua concretização que nos projectamos para, em busca de liberdade, encontrar as razões de existir.

É também na Arte, como um espaço de intervenção, que encontramos o poder para pensar e experimentar livremente, de questionar e de reflectir sobre essa realidade em que vivemos, elaborando e construindo práticas alternativas, que se tornam ferramentas que utilizamos para quebrar os muros opacos das convenções que tantas vezes nos cegam e sufocam. É, digamos, uma outra arma que temos para confrontar os modelos que nos são impostos pelos outros poderes.

Na dança, especificamente, essas práticas albergam um vasto campo de possibilidades partindo do corpo e da sua ac(tua)ção. No movimento, na voz ou na palavra há uma força e uma poética que irrompem, existindo para lá das normas e dos limites. Reinventando e recriando a realidade.

Por isso, nas comemorações do centenário da República, com a proposta destes Solos com Convicção, destas mulheres/artistas do início do séc. XXI cria-se uma excelente oportunidade para, olhando retroactivamente, repensar e projectar o futuro a partir deste presente em constante mutação.

Numa espécie de jogo de espelhos, estas criadoras/intérpretes sublinham e traduzem, com a mesma energia e empenho, o vigor e a bravura dessas mulheres, revolucionárias. Utilizam os seus discursos, as suas ideias e as suas convicções e devolvem-nos a experiência do corpo que vai à luta e se manifesta.

A Cláudia, a Filipa, a Joana, a Sofia e a Susana são as novas mulheres para quem devemos olhar agora. Quem sabe, para que daqui a mais um século esta herança possa continuar a inspirar-nos.

Miguel Pereira

Criador/intérprete na área das artes de palco

14 de Agosto - 19h00 | Jardim da Estrela

Para onde vamos?

Para onde vamos? É o título de um dos escritos de Maria Veleda. Esta frase representa para mim, o muito que as mulheres conquistaram, mas também o quanto ainda é necessário fazer, para assumirmos um papel cada vez mais presente em todos os campos da vida social e política. Foquei-me na figura da Maria Veleda, construindo uma performance onde as suas palavras se juntam a de outras de mulheres desta época. É uma peça que foca a ideia de discurso, onde o corpo está imerso em palavras (que ainda hoje são actuais). Ao longo da performance o público vai-se tornando em participante de um evento, que se vai construindo pouco a pouco, até se transformar e transformar o público em manifestantes.

Concepção e direcção artística: Filipa Francisco

Co-criação e interpretação: Filipa Francisco e antóniopedro

Banda sonora: antóniopedro

Figurinos: Ainhoa Vidal

Fotografia: antóniopedro

Apoio: Associação Alkantara, Companhia Caótica, Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Departamento ANIM - Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, Forum Dança, Fábrica Braço de Prata.

21 de Agosto – 19h00 | Jardim da Estrela

23 +1

Uma instalação performativa que parte essencialmente da vida e obra de Maria Veleda, mulher pioneira na luta pela educação das crianças e os direitos das mulheres. Uma imagem fotográfica em tamanho real deixa vago o lugar de Veleda, essa que foi uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português. Um lugar a ocupar por um trabalho de integração do corpo real na imagem. Textos de Maria Veleda dão som a esta obra.

Direcção: Cláudia Dias

Com: Cláudia Dias, Rita Natálio e convidados

Pesquisa e colaboração: Mónia Mota

Colaboração dramaturgica: Rita Natálio

Fotografia: António Coelho

Assistência à fotografia: Sandra Ramos

Texto: A partir de textos de Maria Veleda

Apoio: Casa Municipal da Juventude de Almada e PureZoom, Comunicação Unipessoal, Lda.

Agradecimentos: Todos os homens e mulheres que colaboraram na realização das fotografias.

28 de Agosto – 19h00 | Jardim da Estrela

Veleda

Maria Veleda é o vulto feminino que inspira este solo. O seu nome Maria e a sua conjugação com o nome adoptado de Veleda, uma guerreira de origem germânica, despertam o olhar sobre o percurso intrigante desta mulher. Um solo que parte no encalço dessa transformação, dessa identidade, dessa força interior que brota de uma mulher cuja vida é o exemplo marcante do esforço feminino no início do século XX. O ritmo pulsante do bombo acompanha este solo.

Criação/Performance/Figurino: Joana von Mayer Trindade
Colaboração Artística/ Direcção: Hugo Calhim Cristovão
Colaboração (Música): Paula Cepeda Rodrigues
Colaboração Especial: Valquiria Valhalladur

4 de Setembro – 19h00 | Jardim da Estrela

Sós (uma homenagem)

As vidas de Maria Veleda e de Adelaide Cabete, a defesa dos valores éticos e cívicos, a resistência, a liberdade, a minoria, a luta, a frustração, o questionar, o prazer, a estranheza, estão associados à pesquisa coreográfica deste solo.

Um corpo abstracto em movimento e um ambiente sonoro que, ao se articularem, põem em evidência intensidades, tensões, energias que pretendem exprimir vivências da mulher e a sua condição, na época abordada.

Concepção/interpretação: Sofia Fitas
Música: Sébastien Jacobs

11 de Setembro – 19h00 | Jardim da Estrela

Morro onde me prendo

O corpo deste solo é a belíssima obra da Maria Lamas as “Mulheres do Meu País”. E é cada vez mais sobre aquela frase “morro onde me prendo” que é o ponto de união entre todas as mulheres que lutaram pelo ideário republicano. Este solo é sobre intervir, sendo uma mulher: ter no corpo ideias, utopias e propostas por conceber, mas não saber como as materializar. É também sobre o desaparecimento das mulheres.

“Olho para o espaço e nele há coisas em que queria intervir. O primeiro impulso é mudá-las de lugar. Mas quando vejo melhor, percebo que isso é nada, ou uma repetição, com aparência de mudança suada. Sinto que a mudança acontece de dentro para fora, no exercício de abrir os olhos ou redireccioná-los até encontrar o lugar vago no espaço”. S. G.

Concepção/interpretação: Susana Gaspar
Música: Vítor Rua

Figurino: Ainhoa Vidal

FITAS NA RUA

Sábados e Domingos | 22h00

Coordenação Geral: Sérgio Marques

Equipamento: Cinemas Sandim

Equipa técnica cinema: Cândido Lopes, Sérgio Gomes

Acolhimento: Chandra Marco, Cármen Gomes

Playlists (música ambiente): José Reis

Cinema numa rua perto de si!

FITAS NA RUA regressa a Lisboa nas noites de Verão.

Este ano em jeito de tributo ao cinema e desafiando o público a percorrer e ver outras perspectivas da cidade.

Venha aos Bombeiros, ao Panteão ou a jardins onde reina o silêncio. Venha decifrar enredos, ouvir guitarra portuguesa, mergulhar no atlântico, ver gente que afinal é pássaro. Sente-se ao lado de um pavão, em terraços sobre o Tejo, em montes agudos. Venha ver o D. Sebastião, o desejado e outros cowboys. Caminhe por estradas misteriosas, mundos de fantasia, palácios com livros. Histórias de amor e actos de liberdade. História mágicas do passado, visões do futuro que é hoje. Venha saber porque somos todos ilustres. Entre num mundo de sonho, entre no mundo da realidade, mude de personagem, venha ver clássicos, obras-primas.

Venha ver Lisboa que é uma cidade-cinema e traga um agasalho.

O desafio é descobrir salas de cinema inesperadas. Use a bússola, o mapa, o GPS, vá perguntado pelas ruas. Não há desculpa...estamos em terra de descobridores.

14 Agosto

Bombeiros Sapadores da Graça

A Piscina de Iana e João Viana

2004, FIC, 16´

A forma como atravessamos de uma só vez uma piscina pública faz lembrar a vida desde que nasce até ao fim

FAHRENHEIT 451 de François Truffaut

Reino Unido, 1966, Ficção, 112´, M/12

com: Oskar Werner, Julie Christie, Cyril Cusack, Anton Diffring, Jeremy Spenser, Bee Duffel

Com apoio da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema

Baseado na obra de ficção científica de Ray Bradbury, este filme retrata um futuro sem livros. Um disciplinado bombeiro encarregado de queimar os livros proibidos conhece uma mulher revolucionária que se atreve a ler, que contrasta com a sua esposa, conformada e hedionista. O bombeiro de repente vê-se transformado num fugitivo, obrigado a escolher entre 2 mulheres, ou melhor, entre dois caminhos, um seguro e o da liberdade intelectual.

15 Agosto

Jardim do Palácio das Galveias

Pássaros de Filipe Abranches

2009, ANI, 7´

A desventura de uma velha mulher obcecada com pássaros e do seu filho que pensa poder voar.

O LIVRO DE CABECEIRA de Peter Greenaway

[PILLOW BOOK]

Reino Unido, 1995, Ficção, 126´, M/16

com: Vivian Wu, Ewan McGregor, Yoshi Oida, Ken Ogata, Sideko Yoshida

Nagiko Kiohara teve uma juventude marcada por um curioso ritual: o seu pai, escritor calígrafo, em cada aniversário da filha marcava-lhe no rosto os votos da ocasião e a sua tia lia-lhe extractos de "The Pillow Book" de Sei Shonagon, aristocrata do século X. Nagiko vai em primeiro lugar pedir aos seus amantes para lhe escreverem sobre a sua pele. Jerome, um tradutor inglês, convence-a a ser ela própria a escrever nos corpos desses homens, e ela revela-se assim escritora, iniciando a escrita de treze poemas eróticos sobre os corpos de diferentes homens.

21 Agosto **Miradouro Monte Agudo**

o68 de Lia

2008, EXP, 5`54`

Audiovisual experimental produzido a partir de io/68i, um vídeo multi-canal comissariado pelo ICA de Londres e pela Forma para uma instalação no evento Beckis Fusion

MULHOLLAND DRIVE de David Lynch

EUA, 2001, Ficção, 147', M/16

com: Naomi Watts, Laura Haring, Justin Theroux, Ann Miller,

10 pistas para "abrir" este triller

1. Tome particular atenção ao início do filme: pelo menos duas pistas são reveladas antes do genérico | **2.** Observe os momentos em que surge o candeeiro vermelho | **3.** Consegue ouvir o título do filme para o qual Adam Keshner faz audições de atrizes? É mencionado de novo? | **4.** Uma acidente é uma acontecimento terrível...repare no local em que acontece| **5.** Quem dá a chave e e porquê? | **6.** Repare no roupão, no cinzeiro, na caneca de café| **7.** O que se sente, o que se entende e se descobre no Club Silêncio? | **8.** Foi apenas o talento que ajudou Camilla? | **9.** Tome atenção aos acontecimentos à volta do homem por detrás do Winkie´s | **10.** Onde está a tia Ruth?

22 Agosto **Panteão Nacional**

Sophia de Mello Breyner Andresen de João César Monteiro

1969, DOC, 18´

“No que ao meu filme diz respeito, suponho que, antes do mais, ele é a prova, para quem a quiser entender, que a poesia não é filmável e não adianta persegui-la” (João César Monteiro)

MOVIMENTOS PERPÉTUOS: CINE-TRIBUTO A CARLOS PAREDES de Edgar Pêra

Portugal, 2006, DOC, 68´, M/?

Documentário em 17 movimentos, em que os testemunhos e a guitarra definem o génio, a bravura e a modéstia de Carlos Paredes, Movimentos Perpétuos – estabelece um diálogo entre uma guitarra e uma câmara de Super8, numa estética que evoca a memória dos velhos filmes de família, plena de intimidade, revelada na partilha de pequenas histórias da vida. O concerto de Carlos Paredes no Auditório Carlos Alberto, no Porto, em 1984, é o ponto de partida para o desenrolar de histórias de prisão, resistência, sucessos e amadorismo, relatos marcados pela simplicidade e pela paixão.

28 Agosto

Jardim Paiva Couceiro

Tony de Bruno Lourenço

2009, FIC, 25´

Jorge, ascensorista e bagageiro de um hotel de Lisboa, vive numa pensão familiar e é constantemente assediado pela filha da dona. Ao mesmo tempo que resiste aos seus avanços, o tímido rapaz alimenta um sonho: ser a encarnação do cantor Tony de Matos. Esta obsessão leva-o a inscrever-se num singular concurso de karaoke subordinado ao tema “Glórias do Nacional Cançonetismo”, onde tem a possibilidade de dar vida à figura do seu herói. É no meio destas estranhas personagens que Jorge percebe que, afinal, não está só.

BUENA VISTA SOCIAL CLUB de Wim Wenders

Alemanha, 1999, DOC, 105´, M/12

Com: Compay Segundo, Eliades Ochoa, Ry Cooder, Joachim Cooder, Ibrahim Ferrer, Omara Portuondo

“Super-Abuelos” – o que significa “Super-Avós” é o que chamam a estes velhos músicos cubanos, que estavam esquecidos até gravarem o disco Buena Vista Social Club. O realizador observou os músicos em estúdio e seguiu-os em Havana. A rodagem prosseguiu em Amesterdão, onde deram dois concertos, e em Nova Iorque, com um concerto único no Carnegie Hall

29 Agosto **Jardim do Torel**

Rapace de João Nicolau
2006, FIC, 25´

Cumpridas as obrigações académicas, Hugo passa os dias em casa descansando a cabeça de intermináveis leituras de autores pouco conhecidos. Dorme muito e a desoras. A sua única companhia doméstica é Luisa, a empregada, que alinha com ele em cúmplices jogos do gato e do rato. Para afugentar o sono da razão Hugo exercita a veia lírica escrevendo, com o amigo Manuel, canções sobre o bairro onde ambos habitam.

BELA DE DIA de Luís Buñuel
[BELLE DE JOUR]
França, 1968, FIC, 101´, M/16

Com: Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Geneviene Page, Francisco Rabal, Pierre Clementi, Françoise Fabian

Séverine, é feliz e casada com Pierre um cirurgião de sucesso. A sua extrema beleza, esconde no entanto estranhas obsessões. Ao saber, por um amigo de seu marido, a morada de uma casa de passe, começa aí a "trabalhar" para suplantar a sua frigidez...

3 de Setembro **Jardim Amália Rodrigues / Parque Eduardo VII**

FADO - História de uma cantadeira de Perdigão Queiroga
Portugal, 1948, FIC, 110 min, P&B, M/ 6

Com: Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira, António Silva, Vasco Santana, Tony D'Algy, Raul de Carvalho, Eugénio Salvador, José Vitor, Maria Emília Vilas, Armando Ferreira, Aida Queiroga

Argumento: Armando Vieira Pinto

Produção: Lisboa Filme

4 Setembro

Praça Eduardo Mondlane (Bairro do Condado)

Fuera de Cuadro de Márcio Laranjeira

2010, DOC, 9´25´´

Ele era muito feliz na primária, até que o mudaram para aquele colégio de “hombres solos”. Através das recordações do colégio, o filho da pintora argentina Alicia Boffi dá-nos um outro olhar sobre os quadros da mãe e da descoberta do seu lugar fora do quadro.

GATO PRETO, GATO BRANCO de Emir Kusturica

[Black Cat, White Cat]

França/Jugoslávia, 1998, FIC, 127´, M/12

Com: Bajram Severdzam, Florijan Ajdini, Salija Ibraimova, Branka Katic, Srdjan Todorovic, Zabit Memedov, Sabri Sulejmani

Era uma vez uma comunidade de exuberantes ciganos, dois avós que julgávamos mortos, dois jovens apaixonados, uma senhora que queria vender a filha, um rapaz gorducho, um comboio roubado e desaparecido, um burro, um porco, dois gatos e uma fanfarra suspensa na árvore. Misture, sacuda como quiser, de qualquer maneira. Quanto mais loucos formos, tanto melhor será o final...

5 Setembro

Jardim Amália Rodrigues

Retratos de Luísa Homem

2007, DOC, 29´

Local de cruzamento e partilha de culturas presentes em Lisboa, a Praça da Figueira é o ponto de partida de Retratos, um documentário que, através de testemunhos e ambientes, apresenta a diversidade de formas de estar dos imigrantes e dos portugueses de origem africana residentes em Portugal.

NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR de Manoel de Oliveira

Portugal, 1990, FIC, 110', M/12

Com: Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, Miguel Guilherme, Luís Lucas, Carlos Gomes

"Non" é uma notável e muito pessoal reflexão de Manoel de Oliveira sobre a identidade e o destino português. Primeiro filme que aborda a memória da guerra colonial, evocando diversos pontos de viragem da nossa história, e também a reflexão sobre o destino de um país, cujos homens quiseram sempre ir mais além, e que depois de 1974 se vê reconduzido às suas fronteiras originais.

11 Setembro

Bairro da Torrinha (Ameixoeira)

História Trágica com Final Feliz de Regina Pessoa

2005, ANI, 7'

Há pessoas que, contra a sua vontade, são diferentes. Tudo o que desejam é serem iguais aos outros, misturarem-se deliciosamente na multidão. Há quem passe o resto da sua vida lutando para conseguir isso, negando ou tentando abafar essa diferença. Outros assumem-na e dessa forma elevam-se, conseguindo assim um lugar junto dos outros... no coração.

TEMPOS MODERNOS de Charles Chaplin

[MODERN TIMES]

EUA, 1936, FIC, 87', M/6

Com: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Stanley J. Sandford, Chester Conklin

Realizado em 1936, é a luta entre as máquinas e o homem, na busca do seu caminho para a felicidade. Charlot procura ganhar a vida trabalhando numa linha de montagem numa fábrica gigantesca. Mas está sempre a arranjar confusão e vai vivendo uma série de peripécias

que o conduzem ao hospital e várias vezes à prisão. No entanto, essas peripécias conduzem-no também a uma jovem rapariga, cujo pai foi morto numa greve, e por quem ele se apaixona. Charlot e a rapariga juntam-se para enfrentar juntos as dificuldades da vida.

12 de Setembro **Vale do Silêncio**

Vacas de Isabel Aboim Inglez
2010, ANI, 7´

O BOM, O MAU E O VILÃO de Sergio Leone
[IL BUONO, IL BRUTTO, IL CATTIVO]
Itália/EUA, 1966, FIC, 172´, M/12

Com: Clint Eastwood, Eli Wallach, Lee Van Cleef, Aldo Giufre, Mario Brega

Versão original Italiana, cópia restaurada, legendado electronicamente em português

Cópia cedida pelo **Centro Sperimentale di Cinematografia - Cineteca Nazionale Itália**

A grande obra-prima do western "spaghetti", com música de Ennio Morricone.

Conta a história de 3 pistoleiros que procuram uma fortuna em ouro roubado. O espírito de equipa não está muito presente nestes fora da lei de convicções fortes, e depressa descobrem que o seu maior desafio vai ser manter-se atentos – e ficarem vivos – num país devastado pela guerra.

Clássicos na Rua

Parceria: Metropolitana

A música para instrumentos de metal sempre teve uma grande força impressiva que marcou espaço próprio ao longo do tempo. Solene e cerimoniosa, com pompa real ou em espaço popular, suave ou fortemente ritmada, foi descobrindo timbres insuspeitados. O aparecimento de novas técnicas de interpretação fez realçar qualidades e deu ainda mais protagonismo a estes instrumentos, que conquistaram a atenção de autores tão diversos como os estilos em que as novas obras se integravam. Neste programa de Clássicos na Rua, peças de diferentes épocas de composição até aos temas standard do jazz, passando pelo calor de Piazzola, juntam diversos grupos de metais saídos da Metropolitana. Ensembles que ilustram as diversas facetas deste projecto, que junta o ensino e a prática musical de forma inédita

15 de Agosto | 19h00
Praça Duque do Cadaval

Quinteto de Metais

Carlos Silva *trompete*

Ricardo Carvalho *trompete*

Paulo Alves *trompete*

Pedro Pereira *trompa*

João Aibéo *tuba*

Victor **Ewald** - Quinteto n.º 1 em Si bemol menor, Op. 5

Richard **Roblee** - *American Images*

Enrique **Crespo** - Suite Americana n.º 1

22 de Agosto | 19h00
Jardim do Torel

Almost6

Sérgio Charrinho *trompete*

Ricardo Carvalho *trompete*

Óscar Carmo *trompete*

Filipe Coelho *trompete*

Carlos Silva *trompete*

João Duarte *percussão*

Jerôme **Naulais** – *Escapade*

John **Duarte** – *End it*

Astor **Piazzolla** - *Libertango*

Dizzy **Guillespie** – *Night in Tunisia*

Maynard **Fergusson** – *Gonna fly now*

Herbie **Hancock** - *Chameleon*

29 de Agosto | 19h00

Jardins móveis / Cais do Sodré

Quinteto de Metais da Metropolitana

Sérgio Charrinho *trompete*

Rui Mirra *trompete*

Nuno Vaz *trompa*

Reinaldo Guerreiro *trombone*

Adélio Carneiro *tuba*

Alfred H. **Bartles** – *When Canadians Waltz*
George **Gershwin** / arr. Lew **Gillis** – *Four Hits for five, by George!*
Glenn **Miller** & Mitchell **Parish** - *Moonlight Serenade*
George **Gershwin** / arr. Bill **Holcombe** – *Strike up the Band*
Isaac **Albeniz** / arr. Wilfred **Roberts** – *Tango*
H. **Hernandes** / E. **Hidalgo** – *El Diablo Suelto*
Patrick **Nagel** – *The Roaring Twenties*
Jacques **Bolognesi** – *Maria Alm*

5 de Setembro | 19h00
Largo do Carmo

Quinteto de Metais da Metropolitana
Sérgio Charrinho *trompete*
Rui Mirra *trompete*
Nuno Vaz *trompa*
Reinaldo Guerreiro *trombone*
Adélio Carneiro *tuba*

Joseph **Horowitz**
Glenn **Miller**
George **Gershwin**
Enrique **Crespo**

12 de Setembro | 19h00
Esplanada do Parque Eduardo VII

Quinteto de Metais da Metropolitana

Sérgio Charrinho *trompete*

Rui Mirra *trompete*

Nuno Vaz *trompa*

Reinaldo Guerreiro *trombone*

Adélio Carneiro *tuba*

Joseph **Horowitz**

Glenn **Miller**

George **Gershwin**

Enrique **Crespo**

VIII FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÁSCARAS E COMEDIANTES

Parceria: FC Produções Teatrais

Castelo de São Jorge, 22h

Dia 26 – FC Produções Teatrais / Portugal “A Idade do Ouro”

Este espectáculo é o resultado de um ano de trabalho prático de formação com os actores da Escola da Máscara onde existiu a preocupação em fazer um teatro actual, que fale de problemas actuais, utilizando os processos tradicionais da Commedia dell'Arte, como a improvisação, a criação colectiva, as máscaras e as personagens fixas, tentamos transpor o universo da Commedia dell'Arte para os nossos dias, contando uma história que se foi criando aos poucos a partir da imaginação, memórias e contributos de cada actor.

Como irá acabar esta comédia onde as personagens típicas da Commedia dell'Arte renascentista são transpostas para uma conjuntura actual onde os casamentos já não são um final feliz.

DIRECÇÃO E ENCENAÇÃO: Filipe Crawford

DIRECÇÃO DE CENOGRAFIA E FIGURINOS: Ana Brum

MÁSCARAS (da colecção de Filipe Crawford):

Nuno Pino Custódio, Renzo Antonello e Takashi Kawahara

DIRECÇÃO MUSICAL: Ian Carlo Mendoza

FOTOGRAFIA: Raul Cruz

DESIGN GRÁFICO: Carlos Francisco

APOIO DRAMATURGICO: Hugo Gama

Duração: aprox. 1h30 sem intervalo

M/12

Dia 27 – Cie Les Têtes de Bois / França “Isabelle, Trois Caravelles et un Charlatan”

Passa-se numa época trágica durante a qual reinou a censura assassina e o desejo de conquista mas aliado à farsa histórica de um Cristóvão Colombo mentiroso e charlatão e um duo real explosivo e sarcástico.

A trama:

A acção começa em 1516 na Espanha da Inquisição. Um actor é acusado de heresia por ter feito uma peça de teatro oficialmente interdita que relata a história de Cristóvão Colombo. O cadafalso está à espera do herege mas antes que o carrasco complete o seu trabalho perante o povo, uma graça é concedida ao actor. A de representar mais uma vez a sua peça. A ordem é aceite e o actor avança, reúne o seu material e transporta os espectadores para 30 anos antes, em 1486 sob o reino da Rainha Isabel de Castela.

Durante esta última representação, foi ganhando tempo e fazendo nascer uma esperança em relação ao perdão real.

ENCENAÇÃO: Mehdi Benabdelouhab

TÉCNICO LUZ: Gabriel Bosc

MÁSCARAS E TRÉTEAU: Andrea Cavarra

FIGURINOS: Christian Coulomb

INTERPRETAÇÃO: Pascale Barandon, Mehdi Benabdelouhab, Valeria

Emanuele, Grégory Nardella, Pierre-Luc Scotto

Duração: 1h30 sem intervalo

M/6

Dia 28 – Scenica Frammenti / Itália “R & G La lacrimosa Storia di Romeo e Giulietta”

É-nos trazida uma nova proposta do espectáculo “Romeo e Julieta”. Espectáculo este que tem sido o marco da carreira desta companhia – a 1ª versão de Franco Seghizzi foi encenada em 1964 e é ciclicamente trabalhado. Com uma distância de 10 anos da última encenação, aparece agora revestida de um espírito mais popular, tornando-se espectáculo de rua, ou melhor, de “quarto”.

É uma encenação que se aproxima de uma paródia antiga e que esboça o estilo de um musical onde o envolvimento do público é essencial.

Romeu e Julieta, emblema do amor/ódio, no passado tal como no presente, os versos de Shakespeare inspiram músicos, cinema, animação, fábulas, telejornais, promiscuidade artística e obsessões.

ENCENAÇÃO: Loris Seghizzi

TÉCNICO LUZ: Michele Fiaschi

PRODUÇÃO: Paola Pederagnana

INTERPRETAÇÃO: Vincenza Barone, Iris Barone, Spencer Barone, Gabriella Seghizzi, Loris Seghizzi, Serena Mennichelli, Walter Barone, Carlo De Toni, Massimiliano Nocelli, Francesco Oliviero

Duração: 1h sem intervalo
M/6

Dia 29 – Teatro Picaro / Itália “Fabula Buffa”

Inspirada em contos populares e textos de Dario Fo, a história de Fabula Buffa foi criada pelos dois autores/actores e parte do nascimento de Giullare.

Numa praça de mercado dois pedintes da época pré-cristã, um mutilado e um cego, são “vitimas” de um milagre que os cura e os empurra para uma vida de normal aperto financeiro. Esta mudança traumática cria duas reacções opostas que conduzem à mesma trágica decisão: a de se converterem ao cristianismo, quando eis que inesperadamente surge outro milagre dos céus...

Fabula Buffa é o resultado da paixão pelo teatro de Dário Fo e pela tradição de Teatro popular italiano. A partir do texto “Mistero Buffo” de Dario Fo, os dois actores dão vida a uma história trágica e grotesca. O espectáculo é falado em dialecto veneto, napolitano e gramelot como exige o espírito da tradição popular.

DIRECÇÃO: Carlo Boso

CRIAÇÃO COLECTIVA: Ciro Cesarano e Fabio Gorgolini

INTERPRETAÇÃO: Ciro Cesarano e Fabio Gorgolini

Duração: 1h sem intervalo
M/12

Dia 30 – Spasmo Teatro / Espanha “Show Park”

Em todas as cidades há um parque e em todos os parques há um banco.

Bancos que são mudas testemunhas da nossa vida quotidiana. Vida que transcorre ao seu redor... e muitas vezes, por cima deles. Sem lhes dar a devida importância. Sem lhes prestar atenção. Vida quotidiana que, embora quotidiana, não deixa de nos surpreender. O que aconteceria se um destes bancos, observadores silenciosos da nossa existência, falasse?

SPASMO traz-nos a comédia da temporada. Em SHOW PARK representa-se o alucinante e o absurdo mundo da nossa vida do dia a dia com o característico estilo cómico gestual da companhia.

Uma cuidada banda sonora e uma impecável encenação completam um espectáculo cujas principais características são o humor, o ritmo e a surpresa.

CONSTRUÇÃO CENOGRÁFICA: Doublet

ADEREÇOS: Prometeo Representaciones Volumétricas

ESTRUTURAS: Esteban S.L.

FIGURINOS: Isabel Sánchez

DESENHO DE LUZ: David Casas

ILUMINAÇÃO E SOM: David Casas e Jose Manuel García

MÚSICA: Chomi Ingelmo

ESTUDIO DE GRAVAÇÃO: Céntury Audio

EQUIPA TÉCNICA: AGM

VOZ OFF : Ricardo Montilla

CORO: Loli e Marisa

FOTOGRAFIA: Carrascal

MAQUILHAGEM: Sara Rivas, Sara del Rio e Sergio Villa

GRAFISMO: Isabel Golzález

INTERPRETAÇÃO: Vicente Martín, Jesús Martín, Álvaro Sánchez, José Gabriel Sánchez e Isaac Tapia

Duração: 1h30 sem intervalo

M/12